

# *Ali Ó! Um Corpo Suicídio*



**Tiago Schimit**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
DO SUL INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Tiago Schimit Rocha

**Ali Ó! Um Corpo - Suicídio**

Porto Alegre  
2022

Tiago Schimit Rocha

**Ali Ó! Um Corpo - Suicídio**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Oriana Holsbach Hadler

Co-Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jaqueline Tittoni

Porto Alegre

2022

## **Agradecimentos**

Esse trabalho de conclusão de curso só foi possível graças às ações afirmativas. Em 2017 ingressei no curso de psicologia na modalidade escola pública e renda baixa. Sempre marquei esse meu lugar e fiz isso por ter orgulho dele. Quando dizia que entrei pelas cotas, no início do curso, me respondiam que isso não me diferenciava dos outros, uma maneira de dizer que somos todes iguais. Não somos todes iguais, não quero que alguém pense que entrei pelo acesso universal. Ser um cotista diz da minha história e tenho muito orgulho disso.

Quero agradecer à minha amiga e parceira Mariana que topou fazer comigo o nosso primeiro trabalho sobre suicídio em 2018. Às minhas amigas Camila e Leticia que me acompanharam durante esse percurso. À minha amiga Stefani, que faz a arte incrível desse TCC e ao meu amigo Lucas. Também quero agradecer ao e-politics que me ensinou a como ser um pesquisador e me possibilitou me manter na graduação. À Neuza, Carol, Jacinta, Fabricio, Ray e Fernando, parceiras e parceiros de pesquisa. Quero agradecer à professora Vanessa Maurente que no início do curso me apresentou a Psicologia Social, pela qual sou apaixonado. Quero agradecer à professora Gislei Lazzarotto que vai comentar esse TCC, uma das pessoas mais incríveis que conheci e que amo muito. À Jaque, por ter topado me acompanhar na co-orientação deste trabalho, por ser uma professora sensível e por ter sido uma grande supervisora em um dos momentos que mais precisei. Quero agradecer também à Oriana Hadler, amiga e professora, uma mulher incrível. À minha terapeuta Natalia Pires. Agradecer a todas as pessoas que me deixaram ouvir as suas histórias durante os estágios que fiz. A todes vocês, o meu amor.

Quero agradecer ao meu avô Sérgio, que me possibilitou estar hoje aqui. Agradecer também às minhas avós Inez e Lorisa, que trabalharam muito para cuidar de mim; grandes mulheres trabalhadoras. Quero agradecer à minha mãe que me incentivou a estudar e me ensinou a ser forte. Agradecer ao meu pai. Agradecer também à minha tia Elen, a única pessoa próxima de mim que entrou em uma universidade e me possibilitou me ver neste lugar. A todes vocês, o meu amor.

Quero agradecer e dedicar esse trabalho a mim mesmo, por ter sobrevivido a todos esses anos. Quero dedicar também a todes jovens pobres, LGBTTQIA+ e cotistas. Quero dedicar às pessoas que morreram de suicídio, aquelas que sobreviveram e as pessoas que se encontram em sofrimento. Que nunca parem de acreditar, amar e lutar enquanto for possível. Esperançar e amar, com fúria e raiva. Expor toda dor e sofrimento. A todes vocês, o meu amor.

“Talvez o esquecimento, como uma nevasca suave,  
pudesse entorpecer e esconder aquilo tudo.  
Mas aquilo tudo era parte de mim. Era a minha  
paisagem.” (Plath, 2019, p.266)

## **Resumo**

Este trabalho se propõe a debater sobre o suicídio e o campo político, articulando esta discussão com a temática dos marcadores sociais. Ancora-se em uma abordagem que faz uso de um cenário literário para questionar: quando o suicídio se torna uma opção para aquele que morre? Como surge essa possibilidade? O trabalho não tem o intuito de fechar ideias e sim, multiplicá-las. Para isso, utiliza a metodologia da ficcionalização, método presente em todo o texto, com a utilização de uma escrita poética e a construção de contos como forma de trazer os temas desejados. A ficcionalização é uma metodologia que coloca em questão o falso e o verdadeiro, complexando a realidade e construindo uma experiência da escritura. Nos textos “Ricardo”, “Cinthia” e “Cidade”, são apresentados personagens e as suas relações com cenas na cidade, os encontros entre instituições e saberes, questões de raça, gênero, sexualidade e classe, que compõem a temática do suicídio. Levando em consideração a complexidade do fenômeno do suicídio, não se deve restringi-lo a nenhum saber ou causalidade. O trabalho aponta para a complexização do debate acerca do suicídio em seu âmbito político.

**Palavras-chave:** Suicídio; Política; Marcadores Sociais; Literatura; Psicologia

## Sumário

Sobre o Saco e a Merda.....	p. 8.
Sobre Aquilo Que Quero Dizer.....	p. 9.
O Escritor e o Como.....	p. 15.
Ricardo.....	p. 19.
Cinthia.....	p. 24.
Cidade.....	p. 30.
E O Que Faço Com Isso Agora?.....	p. 35.
Referências.....	p. 39.

## **Sobre o Saco e a Merda**

Ali em cima do viaduto

E se ela pulasse?

E se os espectadores se animarem?

Ela, eles

Ela metaforicamente, objetificada em um saco de merda

Sim, foi feita assim

É o que disseram pra ela

Um saco de merda

Mas um saco de merda inútil enquanto um saco de merda

Um saco de merda com a alça arrebentada

Um saco que goteja

Um saco que é inútil em sua função inútil de conter a merda

Se ela cair

Se ela cair no asfalto, a merda ira para todos os lados

Sim

Ela sorri

Talvez esse seja o único prazer que ela terá

O de espalhar a merda pela cidade

De sujar de merda chão, carros e supostos sujeitos

Palitos, calças jeans, all stars

E tomada por um coragem destrutiva

Ela pulou

E como saco de merda pesado, caiu com rapidez

Mas não rápido o bastante para que ela não percebesse algo ainda mais assustador

Entre outros sacos de merda, supostos sujeitos, chão, carros, palitos, jeans, all stars

Já estava tudo sujo de merda

Ela era só mais um saco de merda, caindo em uma cidade completamente cagada.

## Sobre Aquilo Que Quero Dizer

Me sento na cadeira, pronto para iniciar uma nova escrita. Acendo um cigarro, depois outro e outro. Sinto que poderia fumar uma carteira inteira. As ideias surgem, mas quando acendo o cigarro e a fumaça sai, as ideias vão junto. Eu não sei bem exatamente quando quis pensar e escrever sobre esse tema. Talvez seja quando estava na fila de ônibus, indo para casa em 2016, quando voltava do cursinho pré-vestibular ou, talvez, quando vi a forma como as pessoas no facebook reagiram a um caso no mesmo período. De lá pra cá algumas ideias mudaram, mas a necessidade de falar sobre suicídio ainda continuava.

No decorrer do tempo, a partir de 2017, tive que observar atentamente algumas brechas onde poderia colocar essa temática incômoda. Confeccionar motivos de porque era importante falar sobre suicídio em espaços não abertos para ele. Este é um tema incômodo, não há muita abertura para ele devido ao estranhamento que causa em nós. Algumas pessoas, inclusive, continuam acreditando que falar sobre suicídio gera um aumento nos casos, entendimento já colocado em questão por materiais públicos que classificam essa ideia enquanto um mito<sup>1</sup>. Agora mesmo lembro de uma amiga de São Paulo, que me contou sobre a imensa dificuldade que tem muitos profissionais que lidam com a morte (funerárias, cemitérios, medicina, órgãos públicos) ou trabalham em locais com grandes casos de suicídios, como o metrô da cidade, para falarem sobre esse tema. Esse não falar, segundo ela, potencializa uma subnotificação dos casos<sup>2</sup>.

Nem eu mesmo sabia, ou talvez até agora mesmo, ainda não saiba, o que de fato quero falar sobre essa temática. Uma das questões que parecem surgir com mais intensidade para mim é: quando o suicídio se torna uma opção para aquele que morre? Como surge essa possibilidade?

A mim, me é estranho o modo como as pessoas lidam com esse tema, na maioria das vezes, colocando como um desejo individual, como se fosse apenas uma escolha de alguém e, deste modo, prendendo-a em uma noção de racionalidade. É com essa perspectiva que surgem termos como “se matar”, “tirar a própria vida”, entre outros, noções que colocam o ato apenas no âmbito do dito indivíduo. Mas será que quando alguém morre de suicídio, é a pessoa ou apenas ela que “se mata”? Será que esse ato também diz que nós, enquanto sociedade, também estamos incluídos nele? Será que, em certa medida, também não somos responsáveis? Por isso prefiro pensar que alguém morre de suicídio e não apenas “se mata”,

---

<sup>1</sup> Brasil, 2017.

<sup>2</sup> Marquetti, 2012.

pois acredito que, dessa forma, podemos ampliar o debate e nos perguntarmos sobre o que temos a ver com esse ato.

Me levanto da cadeira, ando um pouco pela minha casa e busco um café. Acendo mais um cigarro. Li em alguns materiais que profissionais da saúde possuem dificuldades para lidar com o suicídio em suas práticas<sup>3</sup>, mas será que nós conseguimos escrever sobre isso? Na tentativa de entender sobre a temática, pesquisei naquilo que obviamente nós, acadêmicos, fazemos, ou seja, na produção científica. Lá encontrei muitos números, dados quantitativos e diversos estudos epidemiológicos. Estudos muito importantes, nitidamente, mas os quais me geraram um estranhamento. Vi aqueles números, números opacos e sem vida. Alguns estudos dizem que mulheres “tentam” mais, mas são os homens que mais morrem de suicídio. A explicação dada pelas escritoras e escritores aponta que a diferença está na forma como o ato é feito, já que homens utilizam metodologias mais violentas, como o uso de armas de fogo. As explicações acabam por aí. Quando esses apontamentos surgiam nos textos, sempre ficava esperando uma discussão sobre gênero, ponto que acho de extrema importância para entender essa diferença, mas isso nunca acontecia. Os estudos dizem também que os dados são falhos, já que há um número imenso de subnotificações. Algumas explicações possíveis para isso são a dificuldade de distinguir se foi um suicídio ou um acidente, a vergonha da família de falar o que realmente aconteceu e, até mesmo, a própria dificuldade de trabalhadores e trabalhadoras da saúde para afirmar que determinado caso é um suicídio. Bom, os números não são muito confiáveis, apesar de expressivos e de demonstrarem um aumento no decorrer dos anos. Alguns estudos afirmam que, no mundo, a cada 40 segundos alguém morre de suicídio e essas mortes são ainda mais altas na população jovem. Os números de suicídio no Brasil estão aumentando desde 2002, chegando em 2019 na marca dos 13.520 casos<sup>4</sup>. Se esses números não são exatos, e não há como ser totalmente, porque encontrei tantos materiais epidemiológicos? Será que não há outra forma de estudar e falar sobre essa temática? Depois de um tempo, percebi que talvez estivesse procurando no lugar errado.

Aqueles números falam sobre gênero, raça, sexualidade e classe apenas como meros comentários, quase como notas de rodapé, com uma relevância menor do que outros pontos. Mencionam, mas não aprofundam<sup>5</sup>. E este é, justamente, um aspecto central no meu posicionamento sobre suicídio, pois acredito que os marcadores sociais constituem

---

<sup>3</sup> Cescon et al., 2018.

<sup>4</sup> Cerqueira et al., 2021; Cescon et al., 2018; Brasil, 2017; Botega, 2014; Braga & Dell’Aglío, 2013; Marquetti, 2012; Marín-León & Barros, 2003.

<sup>5</sup> Navasconi, 2019.

experiências de si, apesar de não defini-las completamente. Esses mesmos marcadores são políticos, já que é dentro da política que são inventados e operam através dela. Por político, neste caso, quero dizer as relações do sujeito com a verdade, com o modo como cada um de nós se pensa, pensa o mundo, é tomado por esse mundo e em qual lugar é colocado nessa relação. Como foi dito, diferente do que algumas pessoas podem pensar, o político está em tudo, está na vida cotidiana e não pode ser reduzido apenas ao âmbito da política institucional, partidária e administrativa. Assim, por que tais estudos se ausentam de uma discussão mais aprofundada? **Qual é a implicação do campo político no suicídio?** Esse é um ponto que me questionava.

Fico inquieto, me levanto mais uma vez, vou até a janela e observo o abacateiro perto de minha casa. Algumas pessoas acham que falar sobre suicídio é falar sobre morte ou é falar sobre o fim da vida. Não. Falar sobre suicídio é falar sobre a vida, é falar sobre as condições e as possibilidades de estar vivo no mundo em que “vivemos”. Esse desejo é um dos pontos que quero expressar em minha escrita. **Quais são as possibilidades do surgimento do suicídio como resposta à vida?** Vivemos em um mundo que incentiva a vida, isso é inegável. Outdoors de incentivo a exercícios físicos, planos de saúde, medicamentos e o avanço da medicina, que promete o adiamento da morte. Sem falar sobre coisas menos óbvias, como “aproveite a vida e saia bastante”, “trabalhe e você terá uma vida boa”, “estude que a sua vida será melhor”, “quem tem muitos amigos tem uma vida melhor”. Mas mesmo com esses incentivos todos, a vida ainda escapa de nossas mãos e ela se vai. Por que? Talvez seja porque nestas referências, a qualidade da vida ou uma vida que valha a pena ser vivida a partir das singularidades dos sujeitos, não está colocada em primeiro plano.

Karl Marx (2006), já na sua época, visualizou que as relações entre economia, proibição do aborto, obrigações sociais de um homem provedor e lugar da mulher são aspectos que podem estar ligados ao suicídio. Karl Marx (2006) apresenta o suicídio como uma forma de protesto contra o modo como a sociedade está estruturada, uma forma de tensionamento da classe operária em relação à classe opressora. Ele vai adiante ainda, pois considera uma perversidade exigir que sujeitos vivam em situações de opressões de classe. O autor ainda afirma que “sem uma reforma total da ordem social de nosso tempo, todas as tentativas de mudança seriam inúteis”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Marx, 2006, p. 28.

Kilomba (2019) debate que o suicídio é uma forma de se tornar sujeito e de gerar rupturas com o racismo. Esse ato era repudiado no contexto da escravidão, punindo toda comunidade negra. Essa punição é uma resposta a função subversiva do suicídio.

Foucault (2017) quando fala sobre o poder do príncipe, diz que o suicídio naquela época era uma forma de retirar do príncipe o poder de morte. Sem querer romantizar o tema, perspectiva ingênua que não cabe aqui, esse ato naquele momento histórico certamente representava um ato de resistência. Atualmente, com o desenvolvimento do poder sobre a vida, o poder sobre a vida e sobre a sua produção, quais discursos o suicídio tenciona? Esse trabalho fala sobre a vida, aqueles que não entenderem isso, estão lendo errado. Até mesmo em um buraco, por mais minúsculo que seja, escondido no canto mais longe e nebuloso, lá também há vida, mesmo que seja na sua negatividade.

Falar do suicídio como uma forma de ruptura não é colocá-lo em um lugar de prestígio. O que quero dizer é que o suicídio é uma resposta a algo, segundo alguns autores. Talvez esse ato diga mais sobre as condições que o possibilitaram, do que sobre ele mesmo ou do indivíduo que o praticou.

Me sento novamente e começo a escrever algumas coisas. No final de 2020 e início de 2021, anos que pareciam nunca acabar, criei a minha lista de leituras literárias. Juntei alguns livros que queria muito ler. Como não gosto de saber muito sobre os livros antes de ler, só sabia o básico de suas histórias e fui surpreendido. Alguns dos livros lidos falavam diretamente ou traziam, em determinado momento, o tema do suicídio. Fiquei impressionado como as autoras e autores colocavam a temática. Essas obras davam sentido para os números da epidemiologia, davam significado e mostravam um processo de adoecimento das protagonistas e o que gerou a possibilidade ou pensamento sobre o suicídio. Havia encontrado pessoas com quem conversar sobre o tema, pessoas que não restringiam o suicídio a uma questão de saúde mental, como muitos textos científicos fazem. Navasconi (2019) aponta sobre os riscos de uma aproximação simplista dos sofrimentos, como a depressão, com a temática do suicídio, quase criando uma noção de causa-consequência. Um entendimento de causa-consequência é muito arriscado, pois essa leitura encobre os processos que geram o adoecimento dos sujeitos. Suicídio é um tema complexo e isso os estudos científicos reconhecem, mas não desenvolvem essa complexidade como está presente na literatura. O suicídio é multifacetado, não podendo ficar restrito apenas a uma noção biológica, mas é ela que predomina. Lembro do artigo de opinião escrito por Eliane Brum (2018) onde a autora aponta que, mesmo que as doenças mentais estejam relacionadas, não

podemos dissociá-las do tempo em que surgem. Não podemos dissociar o tempo em que o suicídio é apresentado como uma possibilidade.

Eu entendo essa complexidade e por entendê-la é que não quero carregar o fardo ingênuo de tentar dizer tudo sobre o suicídio. Nem seria possível descrevê-lo em sua totalidade, até porque, talvez, seja do próprio fenômeno escapar de um entendimento que se diz total. Talvez seja por isso, também, que ele causa tanto estranhamento e incômodo em nós, por não conseguirmos lidar com o fato de que sempre ficará algo de fora de nosso entendimento e de que todas as nossas hipóteses, são apenas hipóteses. Foi na literatura que li sobre a relação do suicídio com gênero, classe, raça, com a fome e moradia. Nesta escrita que estou prestes a começar, falarei apenas sobre um pequeno pedaço do fenômeno suicídio. Existem muitos materiais sobre o suicídio articulando-o com o campo rural, com idosos e idosos e com indígenas, temas que não serão trabalhados nesta escrita. Desejo uma escrita urbana, mergulhada na metrópole e articulada com alguns marcadores sociais como gênero, raça e classe. Espero que as/os leitoras/os se sintam convidados a preencher as lacunas do texto, imaginar outras hipóteses e histórias.

Motivado pela literatura, quero produzir uma escrita que dialogue com essas obras, nunca com a intenção de utilizá-las como materiais de análise, mas enquanto campo de emergência de determinadas questões. Assim como essas autoras e autores na literatura, também quero inventar histórias possíveis. Histórias que li, ouvi, vi e senti. Fazendo uso não somente destes materiais, como também de produções acadêmicas que vão além dos números e que trazem vida à estatística. Utilizarei tudo isso para confeccionar denúncias da forma como vivemos hoje.

Quero imaginar o que há na afirmação de que mulheres “tentam” mais o ato do suicídio, mas que são os homens que morrem mais. Pensar isto a partir de uma perspectiva da discussão de gênero. Colocar a temática do racismo também em pauta. Isto é uma tarefa difícil para um homem, branco, cisgênero, bissexual e pobre fazer. Os meus marcadores não me autorizam simplesmente a falar sobre qualquer coisa e de qualquer jeito, mas desejo compor e juntar com as outras vozes que apostam na manutenção da vida. Não de qualquer vida, como a vida simplesmente biológica, mas uma vida que valha a pena ser vivida a partir dos próprios sujeitos. Não quero esquecer do incômodo, do tensionamento em falar das questões raciais, eu os desejo demais para fazer isso. Arriscar em determinados momentos é um passo mais interessante do que se retirar e se eximir, como se aquilo não dissesse de nós, também. Essa é a questão do suicídio, ele diz de todos nós, a gente querendo ou não. Hipóteses nunca totais, sempre em eterna construção e provisórias.

É no meio desses pensamentos que resistem ao esquecimento, que nomes de alguns personagens começam a surgir: Ricardo e Cinthia. Logo começo a escrever sobre eles em meu computador. Ricardo, homem, branco, bissexual, pobre. Cinthia, mulher, negra, heterossexual, pobre. O risco de construir essas histórias e me tornar um narrador que se apropria dos seus corpos é grande. Não quero isso. Acredito que a necessidade de falar sobre os marcadores sociais e, assim, do campo político no suicídio é maior que o receio. É isso o que me impulsiona a arriscar.

Não me proponho a legitimizar algo ou a visibilizar o sofrimento de uma mulher negra, por exemplo, como se fosse preciso que um homem branco faça isso. Não há nada para se tornar visível, pois nada está invisível, tudo está na superfície. Corpo nenhum morre de forma que ninguém vê, mesmo que a gente suplique por isso. Li que um jovem morreu de suicídio em seu quarto, sozinho, segundo a matéria. Estava em uma live em uma rede social e pessoas viram e acompanharam digitalmente o ato. Ele não estava sozinho, os objetos de seu quarto também foram testemunhas. Toda uma rede virtual estava ali. Talvez eu seja apenas alguém que aponte: "ali ó! Um corpo". Produzir rupturas, questionamentos e estranhamentos. Nunca se propor a fechar e, sim, a abrir.

## O Escritor e o Como

Ando pelo meu quarto de forma desgovernada. Penso em tudo que tenho para escrever e o tempo que tenho para fazer isto e, nitidamente, não é o mesmo tempo que levo para elaborar o que penso. Seguir protocolos e estipulações, como tempos pré determinados em prazos ou formatos de escrita enrijecidos, em determinados momentos é um desafio para mim. Tento me acalmar. Sento em minha cadeira, na frente de meu computador e acendo um cigarro. Neste momento, finjo ser algum grande escritor como Clarice Lispector, Buchi Emecheta ou Sylvia Plath. Logo fico envergonhado dos meus próprios pensamentos e desejos e me retraio. Se retrair numa escrita é algo fatal, as ideias somem e o corpo paralisa.

Não é com o conteúdo que me debato, esse já está praticamente bem “definido”. E por definido quero dizer uma indefinição nítida. É o “como” que me sufoca: como escrever aquilo que quero escrever? É o método que vou utilizar que tira o meu sono, que amarga o meu café e que me faz andar em círculos pela minha casa enquanto espraguejo sobre o mundo. O que querem de mim? O que querem da minha escrita? O que esperam? Qual a melhor estratégia para entregar ao leitor um texto que não é para ser simplesmente entendido e, sim, sentido?

Li grandes escritoras e nesse momento sinto que não aprendi nada. Me abalo e me paraliso com o início, algo que parece tão banal, mas que não é. Começar uma escrita é torturante para mim. O meu pior pesadelo, aquele em que acordo assustado, são sonhos em que tenho que escrever e escrever em um tempo curto. Ok, devo confessar que para mim e para o meu processo de escrita, talvez uma vida inteira seja pouco tempo. As palavras saem de mim como se eu tivesse que arrancá-las, nunca querem acompanhar a urgência das obrigatoriedades burocráticas. Agora faço rodopios para saber como, de fato, falar sobre aquilo que quero. Talvez seja pelo motivo de não saber exatamente como dizer. Porém, quem sabe, essa seja a saída. Agora me acalmo e talvez esteja vendo uma possível saída.

Penso que colocar as coisas que quero falar no meio dos meus rodopios e juntar essas duas coisas possa me fazer escrever um texto interessante. Talvez aquilo que quero dizer só faça sentido nos rodopios e nunca sem eles. Algo de vertigem. Ainda me vejo, em alguns momentos, querendo colocar as minhas ideias em um texto bem alinhado, bem argumentado, com uma estrutura nítida e argumentações científicas. Acho que não consigo fazer isso, quem sabe porque, secretamente ou não tão secretamente assim, eu não queira fazer isso. De quem tenho medo de mostrar esses textos? Para críticos literários? Não! Essas nem saberão da existência desses textos. O que me deixa inseguro é o olhar daqueles que esperam um

português impecável e um texto propício para ser publicado em revistas A1. Revistas que ninguém lê (não fique nervosa pessoa que lê, é só um euforismo). Publicação que depois irá servir apenas para complementar uma página em um site governamental corroído por traças. "Às vezes, escrever se torna medo"<sup>7</sup>.

Como eu, em minha petulância de guri, posso apresentar histórias aparentemente inventadas, em tom poético e dizer que, ali, há seriedade? E se alguém me apontar e dizer que esses textos parecem mais contos de um livro literário, roteiro de filme ou série, enredo de uma peça de teatro? Dirão que são textos ficcionais... Ficção.

Já assisti filmes que mudaram a minha vida, li livros literários que me deixaram impactados e vi peças de teatro que me mobilizaram de uma forma brutal. Tudo ficção, mesmo aqueles que dizem se tratar de fatos históricos. Há algo de provocador na ficção, quase que um mecanismo potente para levantar o debate proposto em cada obra. Talvez alguém diga que as cenas apresentadas não são reais, não são verdadeiras. Mas e o que é real? E o que é verdadeiro? Em um momento de grande força das chamadas *fake news*, falar sobre esses termos é gerar um mal estar coletivo, cultural e civilizatório.

Uma vez, quando estava fazendo uma pesquisa, me deparei com um termo que achei muito interessante: ficcionalização. Na verdade esse termo me foi apresentado por uma grande e fascinante amiga. Em um primeiro momento entendi que a ficcionalização era uma maneira de constituir uma amarra dos múltiplos achados durante uma pesquisa, dos fragmentos que nos deparamos no processo do pesquisar. De certa maneira, produzir uma costura<sup>8</sup>. Agora, diante desta noção de ficcionalização, percebo que me equivoquei. Esse método nada tem a ver com amarras ou costuras, muito pelo contrário. A potência de produzir algo ficcional está justamente em sustentar e manter aquilo que está aparentemente espalhado sobre uma trama. Rodopios.

Fico nervoso, preciso me levantar, pego a minha xícara e, novamente, começo a andar pela minha casa. Acho que às vezes preciso andar um pouco para que as ideias ganhem forma e para que elas caibam em frases. Pobres ideias, mutiladas para caber em algo.

Naquele primeiro momento, também entendi que, para entendermos a ficção, é necessário ultrapassarmos a noção dicotômica e simplista do verdadeiro e do falso. A memória, por exemplo, é composta tanto por esquecimentos, como também por invenções. A

---

<sup>7</sup> Kilomba, 2019, p. 66.

<sup>8</sup> Galindo et al., 2014.

ficcionalização é um meio para apresentarmos acontecimentos, para que possam ser compreendidos<sup>9</sup>. Aparentemente esses pontos ainda me parecem minimamente “corretos”.

A torção do falso e do verdadeiro “não faz da narrativa ficcional algo menos real: há a realidade dos sentidos afirmados”<sup>10</sup>. A partir de uma reinvenção da realidade “podemos torná-la ainda mais real, mais complexa, densa e intensa ao intrincar suas tramas com novas possibilidades de relação”. E não apenas isto, a ficção também tem como potência ir além das noções de particularidade e generalizações apostando em uma trama singular<sup>11</sup>.

A ficção é uma força criativa para lidar com a realidade, complexando o chamado real com a multiplicidade. Com este método não quero me deter à descrição e, sim, a problematizar aquilo que é visível, multiplicando as relações possíveis e utilizando uma escrita poética. Esse tipo de escrita não necessita da neutralidade imposta pela ciência hegemônica<sup>12</sup>. Óbvio que não pretendo me passar de poeta aqui, pois já me reprimi nesse ponto. Assim, “não se trata aqui em fazer poesia, mas sim utilizar a poética como ferramenta na produção de saber”<sup>13</sup>. Dessa forma a minha escrita se torna mais reflexiva e se abre para a multiplicação das hipóteses e das relações, mostrando essa tal flexibilidade que tem pouco espaço em outras formas mais tradicionais-modernas de produção de conhecimento.

Prover um corpo sensível ao conhecimento de modo que este afete intensamente ao interlocutor (escrita voltada para a afetação-experiência e não para a comunicação de conteúdos), podemos manter as proposições abertas e afeitas a provocar novas produções e novas perspectivas, entre outras características próprias do saber produzido pelas estratégias poético-ficcionais.... Um pensamento que se permite uma problematização sem objetivo claro, sem hipótese definida, que quer antes e percorrer a multiplicação de possibilidades do que vê-las resumidas na mais eficaz<sup>14</sup>

Em um primeiro momento, as histórias que quero contar podem parecer não existirem na realidade da maneira que irei contar, mas não é sobre isso. Elas existem no instante que dizem sobre várias outras histórias que envolvem outros tantos personagens sociais. Os textos que quero escrever, são palavras ficcionais daquilo que existe. Ficcionalizar histórias existentes, visto que a realidade também é uma ficção.

---

<sup>9</sup> Alcântara, 2012.

<sup>10</sup> Costa, 2014, p. 553.

<sup>11</sup> Costa, 2014, p. 553.

<sup>12</sup> Costa, 2014.

<sup>13</sup> Costa, 2014, p. 565.

<sup>14</sup> Costa, 2014, p. 570-571.

Agora, no meio desse devaneio sobre a ficcionalização, me vem à mente outro termo: ensaio. Ensaíar se aproxima muito de ficcionalizar. Acredito nessa aproximação, até por que assim como na ficção, o ensaio diz “que não há modo de ‘pensar de outro modo’ que não seja, também, ‘ler de outro modo’ e ‘escrever de outro modo’”<sup>15</sup>. Esses dois modos de pensar e escrever colocam em questão e incomodam as fronteiras rígidas dos saberes por proporcionarem uma liberdade temática. Colocam “em questão justamente a definição padrão do que cabe dentro da filosofia, dentro da pintura, dentro da poesia”<sup>16</sup>. O ensaiar e a ficcionalização têm em comum também a não pretensão de totalidade e síntese. Dessa forma, articulado com esses dois modos, a produção que desejo “inicia no meio e termina no meio, começa falando do que quer falar, diz o que quer e termina quando sente que chegou ao final e não por que já nada resta a dizer, sem nenhuma pretensão de totalidade”<sup>17</sup>, mas porque produziu algo.

Essas histórias produzem ruídos. De fato, esses nomes não possuem um rosto definido, mas há algo de estranho neles. O ruído produzido talvez seja por que muitos dos pontos que serão apresentados respingam em outras histórias. Histórias que ouvi, que vi, que li e que passei. Acho que a pessoa que lê também vai se encontrar no meio das palavras e irá ler frases que não são estranhas e, sim, familiares. Acho que você entende o que estou falando não é? Acho que você também já ouviu, já viu, já leu e já passou por histórias similares a essas que quero contar. Não tem nada de glamuroso nisso, ou mesmo de fantástico, na verdade essa familiaridade me deixa muito triste. Talvez seja esse sentimento que me mobilize a escrever. Acredito que a tristeza tem lugar e que ela também é produtora. Tenho a certeza de que precisamos falar sobre este tema. Bom, acho que agora eu já posso começar a escrever.

---

<sup>15</sup> Larrosa, 2003, p. 102.

<sup>16</sup> Larrosa, 2003, p. 106.

<sup>17</sup> Larrosa, 2003, p. 112.

## Ricardo

Não é dos amores que Ricardo sofre, é do trabalho, mas não da exploração e sim da falta dele. Não poderia ter sido mais uma vítima da uberização, nem tem carteira de motorista para isso e nem do Ifood, já que nunca aprendeu a andar de bicicleta. Quando criança, no Natal, sempre pedia uma bicicleta, os pais sempre respondiam da mesma maneira: “no próximo Natal”. A tal da bicicleta nunca chegou, Ricardo tinha ódio do Papai Noel e se sentia incomodado com pessoas velhas. O incômodo com os velhos amenizou apenas quando cuidou dos pais, quando estes estavam prestes a morrer. Não que fossem velhos de fato, tinham por volta dos 46, mas seus corpos já estavam tão cansados como se tivessem 90 anos. Mesmo que isso tenha mudado, dezembro ainda é um mês difícil para Ricardo, pois sente que cai num vazio sem fim e o corpo começa a amolecer. Sente que o seu ar fica mais denso, que algo o prende e começa a sufocar. Ricardo sabe que ainda pode ter bons Natais, mas já os bons natais na infância, estes nunca puderam acontecer. Eles foram pisados.

Ricardo às vezes corta a grama da casa de Rita, uma mulher branca que trabalha como secretária em um escritório de advocacia. Pelo fato de receber um pouco mais de dois salários mínimos, a mulher se sente melhor do que a vizinhança. Às vezes Ricardo se pergunta se é ele que está oferecendo um serviço para a mulher ou se é o contrário. Rita é casada com Richard, o ex-valentão da turma da sexta série de Ricardo. Richard fazia piadas com Ricardo devido à falta de desodorante. Para Richard sempre foi fácil, pensa Ricardo, ele é filho do dono do mercadinho do bairro. A mesma situação geográfica não determina que todos terão a mesma experiência de vida. Hoje, quando Ricardo vai cortar a grama na casa de Rita, ele usa o dobro de desodorante e reza para que o dia sucessor faça frio para que assim possa economizar o exagero de hoje.

Ricardo tem uma namorada. As pessoas de sua família não gostam dela e a chamam de barraqueira, além de fazerem piadas maldosas sobre a sua forma física. Ricardo sabe por que dizem isso: racismos. Contudo, isso é uma questão muito mais para a namorada do que para ele. Sente que nos momentos em que estão na rua, os olhares caem mais sobre ela, do que sobre ele.

Não é apenas por mulheres que Ricardo se interessa, mas esse é um assunto que nem dentro de sua cabeça ele gosta de falar. O homem nem consegue dizer a palavra com “h” para si mesmo. Com isso, em sua cabeça, Ricardo apenas foca na imagem masculina. Nos momentos de masturbação, depois dos 15 minutos de festa e alegria, ele é tomado por um sentimento de vergonha e repulsa por si mesmo, sensações difíceis de lidar. Quando isso

acontece, tenta procurar a namorada, que mesmo sendo amorosa, tem alguns momentos em que não pode atender os desejos eróticos do namorado. Quando isso acontece, cabe a Ricardo lidar sozinho com sua dor enjaulada.

Ricardo vê o seu desejo por homens como um atraso. “As pessoas não desconfiam disso, para elas” ele é “hétero; então” ele é<sup>18</sup>. Ricardo em muitos momentos de sua história fez muitas coisas por pressão, como transar com uma menina no tempo da escola, com medo de ser taxado como não-hetero. Na dita adolescência, Ricardo pediu a Deus para ser “normal”. Os colegas de aula já riam dele por muitos motivos, não queria que a sua sexualidade fosse mais um motivo, então o melhor a fazer era ser aquilo que não era. Ricardo tinha e ainda tem medo de como a sua família iria reagir caso descobrisse. Na adolescência, sentia que tudo o que fazia, vinha acompanhado desse “defeito”. Ele até mesmo chegou a pensar em acabar com tudo<sup>19</sup>.

Ricardo não se sente confortável em falar sobre o que sente de fato, nem mesmo com a namorada. Imagina só, um homem, ainda mais na sua idade, se lamentando por aí. Seria algo incomum na sua cabeça. Seu pai era um homem que não falava sobre sentimentos, seu avô também, seu bisavô também deveria ser assim, talvez até os seus filhos sejam assim. Caso fosse possível falar sobre si, Ricardo nem saberia por onde começar. Por causa disso se acostumou a guardar o que sente só para si e o que restou foi se ausentar simbolicamente em alguns momentos para ter um espaço de reflexão. Não falar já é algo tão comum para ele, que em muitos momentos colocar o que sente em palavras não é nem mesmo uma opção em sua cabeça.

Há outro motivo que faz com que Ricardo não fale sobre esses assuntos, falar sobre o que sente os faz lembrar de sua internação. Ricardo não lembra exatamente qual idade tinha, mas se lembrava de que era na infância. Esse momento de sua vida é confuso e borrado em sua memória. O que mais lembra desse período eram as sensações e de algumas cenas. Lembra de uma dor terrível que sentia no peito, a mesma dor que ainda sente, mas que hoje já aprendeu a contê-la. Pelo menos é isso que acha. Lembra também de dizerem que teve um surto e por esse surto foi parar em um lugar com outras pessoas surtadas. Até hoje não se sabe qual era o lugar em que foi, mas ainda surgem em sua cabeça imagens das pessoas e suas posturas naquele local. Lembra de olhar “atentamente, tentando encontrar uma explicação para aquelas posturas enrijecidas. Havia homens e mulheres, além de garotos e garotas tão novos quanto” ele, “mas seus rostos eram meio parecidos, como se eles tivessem

---

<sup>18</sup> Santos & Dinis, 2018, p. 10.

<sup>19</sup> Santos & Dinis, 2018.

passado muito tempo numa prateleira, longe do sol, sob camadas de uma poeira fina e pálida”<sup>20</sup>. Na sua memória os seus olhos deslizavam das pessoas numa sala, para as cortinas e sentia “como se estivesse dentro de uma vitrine de uma enorme loja de departamento. As formas ao” seu “redor não eram pessoas, mas sim manequins de loja, maquiados para parecerem humanos e arrumados em posições que simulavam vida”<sup>21</sup>. As pessoas-manequins pareciam muito os corpos vestidos, paralisados e sem vida que via nas lojas de roupas que ia com a mãe. Essas lembranças ainda estão vivas em sua cabeça e com elas a estranha sensação de que ali havia acontecido uma espécie de violência com ele.

A mãe que o levou para aquela internação, ele nunca soube exatamente o motivo para isso, mas imagina que tenha sido pelo fato dela não conseguir lidar com o tal surto de Ricardo. Ele também lembra do rosto de pânico de sua mãe. Ricardo fala em surto não por entender que aquilo que aconteceu com ele de fato tenha esse nome, mas essa foi uma das palavras que ouviu escondido em uma das conversas das tias. Até hoje imagina que as tias não sabiam que ele estava ouvindo, pelo menos espera isso. Elas falavam dele enquanto uma criança triste e sobre aquele estado em ele se encontrava, que era devido à depressão, e que estava prestes a chegar na loucura. Foi nesse momento que soube que tinha uma doença mental e que aquela história de internação, era uma experiência sofrida de ouvir para aquelas mulheres. As tias comentavam que mesmo Ricardo sendo uma criança pobre, ele tinha “tudo para ter uma vida perfeita”, que tinha muitas coisas de mão beijada e que, mesmo assim, era infeliz. Uma das tias até tentou fazer um contraponto dizendo que o menino havia despirocado, que havia algo de errado com ele e que devia ser difícil se descobrir louco, assim, de repente. Aquilo tudo era deprê demais para elas, toda aquela crise, aquela desorientação era brutal. Outra tia complementou a conversa dizendo que aquilo era um transtorno, uma condição mental e que o menino precisava de um tratamento. A tia falou sobre a dificuldade de entender essas doenças misteriosas da mente e que mesmo Ricardo não tendo muito conhecimento sobre a vida, ele poderia ter uma tendência suicida<sup>22</sup>. Quando as outras tias ouviram a palavra suicídio houve um alvoroço e as tias se questionavam se Ricardo faria isso sem pensar nelas<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> Plath, 2019, p. 158.

<sup>21</sup> Plath, 2019, p. 159.

<sup>22</sup> Esse parágrafo foi escrito a partir de algumas palavras utilizadas nos canais de Youtube: Ler Antes de Morrer; tatianagfeltrin; e Aline Aimee. Os vídeos em questão são sobre análises do livro *A Redoma de Vidro* de Sylvia Plath.

<sup>23</sup> Inspirado no trecho: “Ela não pensou neles?” (Pilcher, 2019, p. 459).

As tias estavam em pânico, precisavam fazer uma pausa naquele assunto, era difícil seguir<sup>24</sup>. Ricardo se pergunta se o fato dele não falar sobre os seus sentimentos não tem relação com essa cena. Nas raras vezes que falar sobre si dessa maneira é uma opção, ele tem receio de causar pânico nas pessoas, de compartilhar questões difíceis para elas. Dessa forma, Ricardo entende que o melhor é não dizer nada mesmo e guardar para si, torcer para que esqueça.

Um dia quando estava mexendo em seu facebook viu uma reportagem sobre suicídio, não ficou muito surpreso já que era setembro e esse é um mês em que as pessoas falam sobre isso hoje em dia. Já havia lido outras matérias sobre o tema, sempre vagas e pouco explicativas, mas nessa havia algo de diferente, talvez algo de apavorante. A matéria dizia sobre aspectos de risco ou algo do tipo, afirmando que homens<sup>25</sup> e desempregados<sup>26</sup> tinham uma possibilidade maior de morrerem de suicídio. Uma vez leu uma história de um homem que havia atirado na sua cabeça e ficou surpreso ao ler um dos comentários que dizia que morrer de suicídio com uma arma, era bem coisa de homem<sup>27</sup>. Ricardo ficou furioso, nem sabia bem o motivo para isso, só sentia o sentimento revoltante de que, até mesmo na morte, teria que demonstrar valentia e força. A sensação que tinha era que não importava onde fosse, a figura de um grande homem sempre estaria lá para atormentá-lo.

Torcer para esquecer esses pensamentos, essas emoções. Esquecer. Será que é possível esquecer? Ricardo não sabe ao certo. Em mais outro momento nas redes sociais viu o anúncio de um livro chamado “A Redoma de Vidro”. Achou curioso e resolveu procurar o que era uma redoma de vidro: “Tipo de campânula de vidro usada para proteger certos objetos e/ou alimentos. Espécie de vaso pequeno, geralmente de vidro, em forma de sino, utilizado para resguardar do ar e da poeira objetos delicados. Vaso de vidro de forma arredondada. [Figurado] Meter-se em redoma. Proteger de maneira excessiva; cuidar exageradamente. Etimologia (origem da palavra redoma). De origem desconhecida”<sup>28</sup>.

Então era assim que ele vivia? Sob uma redoma de vidro? Alguém com contato limitado com o exterior ou alguém em que o exterior tenta ter um contato limitado? Ricardo estava confuso, pensando que, talvez, independente de onde estivesse “estaria sempre sob a mesma redoma de vidro, sendo lentamente cozido em” seu “próprio ar viciado”<sup>29</sup>. Então era

---

<sup>24</sup> Referente à nota 22.

<sup>25</sup> Marín-León & Barros, 2003; Braga & Dell’Aglío, 2013; Brasil, 2017.

<sup>26</sup> <https://www.cvv.org.br/blog/desemprego-e-suicidio/>

<sup>27</sup> Sylvia Plath, 2019, p. 173.

<sup>28</sup> <https://www.dicio.com.br/redoma/>

<sup>29</sup> Sylvia Plath, 2019, p. 208.

isso que pesava em seu corpo? Era o ar da redoma comprimindo e não o permitindo que ele se movimentasse.<sup>30</sup>

Mesmo depois de adulto, depois dos anos terem passado, a crise, a doença mental ou seja lá o nome que tem, ainda estava lá à espreita. Não que ele fosse o mesmo, tinha certeza de que já havia passado dias piores e que hoje poderia se considerar melhor. Mas sabia que havia algo a mais, que “a redoma de vidro pairava, suspensa, alguns centímetros acima da” sua “cabeça”<sup>31</sup>. Nos momentos de maior angústia, o mundo se distorce ou talvez seja, aí, que ele se revela. “Para a pessoa dentro da redoma de vidro, vazia e imóvel como um bebê morto, o mundo inteiro é um sonho ruim”<sup>32</sup>. E se ele pudesse falar sobre tudo o que sente, melhoraria? Por que agora, a sensação que tinha era que a qualquer momento tudo poderia voltar? Como saber se um dia não iria sentir de novo essa tal crise? Como saber se “a redoma de vidro não desceria novamente sobre” ele, “com suas distorções sufocantes?”<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> Sylvia Plath, 2019, p. 209.

<sup>31</sup> Sylvia Plath, 2019, p. 218.

<sup>32</sup> Sylvia Plath, 2019, p. 266.

<sup>33</sup> Sylvia Plath, 2019, p. 270.

## **Cinthia**

Cinthia, uma mulher negra, em muitos momentos não pode demonstrar fraqueza, pois tal ato não é permitido no lugar em que tentam colocá-la. Sempre a colocam no papel da mulher preta forte e exigem que ela assim interprete. Tarefa esta que, às vezes, faz com revolta e dor. “Fora obrigada a trancar tantas coisas dentro de si”, evitando falar sobre suas dores. Outra questão que tentam impor a ela, é que aprendeu “a não falar sobre sua infelicidade” em algumas ocasiões. No momento histórico em que vive, Cinthia sabe que ninguém está “interessado nos problemas dos outros”. Cria a hipótese de que, talvez, sempre tenha sido assim. Secretamente, Cinthia sabia que existia uma forma de atrair alguma atenção, ainda que mínima, para sua dor. Mas atenção de quem? De jovens brancos estudiosos da universidade ou brancos vestidos de branco nos hospitais diversos. Sujeitos “que fazem a pessoa perceber que é um objeto a ser estudado, diagnosticado, computado e tabelado. Ouvintes que se referem a você como um "caso". Cinthia sabia que “se você não conseguisse mais suportar seus problemas, havia sempre a solução de dar fim à própria vida”<sup>34</sup>.

Mas o que faz ela continuar viva? Cinthia sabia muito bem dos motivos. Ela se realizava nos encontros com os amigos, nos bares onde ria alto com um copo de cerveja na mão, nos sonhos que ainda queria realizar ou nos amores que compartilhava. Motivos que ainda a fazem se mover e se mover espantada, atenta com o mundo, com tudo ao seu redor. Esse é o seu modo de resistir. Cinthia sente e vê, mas ela quer ir além, ela também quer apontar com o dedo os problemas do mundo.

Cinthia sempre quis estudar, esse desejo nasceu quando a mãe, catadora de papelão, trouxe um livro que achou no lixo. Delurdes, foi mãe sozinha e para a surpresa da maldade de algumas pessoas do bairro, só teve uma filha. Delurdes sempre quis poder estudar em uma faculdade, hoje sonha em que a filha possa fazer isto. Cinthia começou a desejar isso para si também, leu com intensidade os livros encontrados na biblioteca da escola. Mas até hoje Cinthia não conseguiu realizar o sonho da mãe, pois não lhe foi permitido. Quando Cinthia deu por si, o seu corpo já estava marcado como um corpo não pertencente a uma universidade. Lembra até hoje quando ouviu de uma “professora que ensinava lá na escola, que todos são iguais e que cota é esmola”. Lembra que naquele momento “cansada de esmolos”, queria a ideia de cota longe de si. Hoje tudo isso já é confuso, denso e com a estranha sensação de que uma mentira foi contada para ela. Hoje, Cinthia acorda cedo e limpa

---

<sup>34</sup> Emecheta, 2020, p. 97.

três apartamentos no centro da cidade. Em alguns momentos é inundada por um pensamento de que se a professora experimentasse “nacer preto, pobre e na comunidade”, ela iria “ver como são diferentes as oportunidades”<sup>35</sup>.

Cinthia não consegue ficar por muito tempo reflexiva consigo mesmo, tem pouco tempo pra isso. Tentam esfregar com brutalidade, a dura realidade que alguns corpos compartilham. Quando ia para o trabalho, após ficar horas esperando o ônibus e depois mais outras dentro dele, ela olhava atentamente o viaduto perto de um dos apartamentos que trabalha. Apartamento em que não pode entrar pela porta principal. Ela se perguntava o que aconteceria se ela pulasse do viaduto, será que alguém se importaria? Ela sabia qual era a resposta.

Em alguns momentos Cinthia “não era feliz e aquele país era um lugar perigoso para se estar infeliz, pois a pessoa não tinha ninguém com quem desabafar seus problemas e era por isso que muitas mulheres negras solitárias tinham colapsos emocionais: por não ter com quem dividir seus problemas”<sup>36</sup>. Pensando bem, sabia que tinha pessoas com quem contar, tinha a mãe, o namorado, as amigas, mas aqueles sentimentos eram difíceis de se compartilhar e ela não queria que os seus sentimentos denunciasses os sentimentos semelhantes das outras pessoas. Talvez seja por isso que se diz tão pouco e se ouve menos ainda sobre a infelicidade.

Cinthia não lembrava muito da infância, mas poderia resumi-la em um sentimento e a uma única cor: amarelo. Sim, ainda tão jovem, a mulher já sabia que amarelo era a cor dos famintos<sup>37</sup>. A única cor que tentaram permitir que Cinthia conhecesse com intimidade. Quando mais nova, achou que morreria de fome ou de doenças banais devido a espera na fila do SUS para uma consulta. Ou morta pela polícia, mas nunca imaginou que a perversidade do mundo seria tamanha a ponto de obrigá-la a que ela mesma fizesse o serviço sujo.

Algo que resiste ao esquecimento em relação à infância e aos momentos de fome, é o rosto de Delurdes. Cinthia acha que foi daí que aprendeu sobre o amarelo. Com muita dor latejante e com muita insistência de Cinthia, Delurdes conseguiu falar sobre si e sobre aquele momento na vida delas. A mãe comentou “como é horrível levantar de manhã e não ter nada pra comer”. Havia pensado “até em suicídio” devido a “deficiência de alimentação no estômago”<sup>38</sup>. De como levantava pela manhã, triste e faminta. Sentia que já estava a tanto tempo no mundo e que estava enjoada de viver. Cinthia não julgava a mãe, como seria

---

<sup>35</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=QcQIaoHajoM>

<sup>36</sup> Emecheta, 2020, p. 228.

<sup>37</sup> Jesus, 2014.

<sup>38</sup> Jesus, 2014, p. 99.

diferente, como viver contente com a fome? A dor e a fome de Delurdes eram tão grandes que pensou até mesmo em convidar a filha para partir junto com ela. Mas Delurdes desistiu, viu a filha com tanta vida, mas ao mesmo tempo, quem tem vida, “quem vive, precisa comer”<sup>39</sup> e isso a deixava nervosa. Se perguntava se Deus havia esquecido delas, se estava zangado. Era um momento onde havia certeza de que, se os brasileiros pobres morressem de suicídio devido à fome, muitos teriam esse fim. Falou sobre vizinhos que eram despejados de suas casas e sobre a vontade do fim que surgia, do senhor Tomás que havia se cansado “de sofrer com o custo da vida”<sup>40</sup>. Histórias que Cinthia guarda consigo, junto das boas lembranças com a mãe, dos ensinamentos compartilhados, dos livros comprados com muito suor e do amor doado.

Cinthia tem um namorado, um homem branco, o que gera mais um motivo para fofocarem sobre ela no bairro em que mora. A vizinha Teresa, prima do namorado, deve ter pesadelos de noite com os filhos do casal nascendo com o cabelo de Cinthia, cabelo duro, segundo a própria Teresa. Cinthia, para provocar a vizinha rancorosa, disse que se um dia tivesse filhos, esses nasceriam ao som dos tambores..

Andar de mãos dadas com o namorado foi e ainda é um desafio, mesmo já se passando cinco anos. Cinthia, diferente do namorado em que em muitos momentos nada vê, percebe os olhares onde alguns são de nojo, alguns de pena e outros até de alívio. Cinthia gosta do namorado, mesmo sentindo que em muitos momentos ele se ausenta de forma não física, mas nesse quesito está tudo bem, pois ela também tem suas ausências momentâneas. O namorado nunca conseguiria dar conta da solidão que tentam impor à Cinthia, seria necessário uma ação coletiva para isso.

Apesar de todo o desafio que é ser uma mulher negra com um namorado branco, Cinthia sobrevive a tudo isso e o amor do casal, sentimento forte, se mantém firme apesar dos olhares. Porém, tem uma cena que ela lembra com nitidez. Em um domingo, quando estava junto com o seu namorado e Antônia, uma amiga branca do casal, os três foram ao cinema. Depois de um momento tão tranquilo e prazeroso, Cinthia e o namorado “encontraram o grande mundo ao sair para as ruas no domingo. O mundo olhou sem nenhuma simpatia para os dois através dos olhos das pessoas que passavam”<sup>41</sup>. Cinthia, ficou chocada ao perceber que por algum momento tinha esquecido sobre “esse mundo e seu poder de ódio e destruição”<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup> Jesus, 2014, p. 174.

<sup>40</sup> Jesus, 2014, p. 162.

<sup>41</sup> Baldwin, 2018, p. 42.

<sup>42</sup> Baldwin, 2018, p. 42.

Naquele mesmo dia enquanto andavam pela rua, “um casal jovem vinha na direção deles”. Cinthia “observou os olhos” da mulher “enquanto olhava para” o namorado de Cinthia; “e tanto o homem quanto a mulher olharam rapidamente de” Antonia para Cinthia “como se para decidir qual” das duas estava com ele. Cinthia “adivinhou, pela olhadela quase acanhada e rápida que” a mulher “deu ao passar por eles, que” ela “havia concluído que” Cinthia era a outra parte do casal. “O rosto” do marido, “porém, se fechou totalmente, como um portão”<sup>43</sup>.

Logo em seguida deste momento constrangedor, Antonia avistou um amigo um pouco afastado deles e foi correndo na direção do rapaz, para cumprimentá-lo. Cinthia sentia que com Antonia distante deles, os olhares que recebiam eram diferentes. As pessoas observavam como se eles fossem animais exóticos. Seu namorado “cintilava diante de” Cinthia. “E, se houvesse alguma dúvida sobre o relacionamento dos dois, o olhar” dele “era o suficiente para dissipá-la”. Cinthia notava que o namorado lidava com toda aquela situação com calma, parecia que nem notava os olhares. Mas então o que havia de errado com ela? “Talvez” ela “estivesse inventando tudo aquilo, talvez ninguém estivesse nem aí. Então ergueu os olhos e viu os olhos de um adolescente”. Os raios de sol que passavam entre as árvores iluminavam o garoto. “Ele olhava para” Cinthia “com ódio; seu olhar se desviou para” o seu namorado “e para” ela “novamente como se fosse uma puta; ele baixou os olhos devagar e estufou o peito - ao registrar seu protesto, suas costas pareciam rosar, depois de deixar claro o que pensava”<sup>44</sup>.

Antonia e o amigo riam alto e se movimentavam rápido. Quem assistia aquela cena se divertia de maneira natural, sem nenhum estranhamento. Cinthia foi tomada por um sentimento de fúria. “Ficou pensando se” ela e o seu namorado “ousariam fazer uma cena daquelas em público, se esse dia ia chegar para os dois. Ninguém ousava olhar para” Antonia “do mesmo modo como olhavam para” Cinthia “agora; eles também não olhavam para” o amigo de Antonia “da mesma forma que olhavam para” o namorado de Cinthia. “Isso porque Antonia era branca”<sup>45</sup>.

Tomada pelos seus pensamentos, na saída do último apartamento naquele dia, resolveu andar pela cidade antes de voltar para a casa. Cinthia avistou o viaduto e resolveu subir nele, para que pudesse observar a cidade um pouco de cima.

---

<sup>43</sup> Baldwin, 2018, p. 43.

<sup>44</sup> Baldwin, 2018, p. 45.

<sup>45</sup> Baldwin, 2018, p. 46.

Cinthia “subiu as escadas e chegou à rua, que estava pouco movimentada. Prédios altos na claridade do dia, gigantes contra o céu claro, pareciam observá-la, pareciam pesar sobre” ela. O viaduto estava abaixo dos seus pés, mas ela “ainda não via a” avenida. “Podia senti-la, cheirá-la”, ouvi-la. Ela podia ouvir “os carros passando”<sup>46</sup>.

Ela já havia passado por aquele viaduto diversas vezes. Quando passava de ônibus para ir ao trabalho, ficava observando o viaduto.. Em muitos momentos durante os deslocamentos a pé que fazia pelo centro da cidade, também passava por ele. De certa forma, aquele viaduto estava relacionado com a história de Cinthia.

“Depois” se aproximou na mureta do viaduto, “olhando para cima, olhando para baixo. Agora” os sons “dos carros na avenida pareciam escrever uma mensagem sem fim, escrever com uma velocidade impressionante em uma caligrafia bonita, ilegível”. Ela “foi andando lentamente até o centro” do viaduto, “observando que, daquela altura, a cidade parecia pegar fogo”<sup>47</sup>.

Lá observava todos os pedestres que transitavam pelas ruas do centro da cidade. Mulheres velhas e pobres e as moradoras dos prédios da volta se encontravam nos bancos da região. Madames ricas dos prédios de luxo, com suas roupas elegantes, também circulavam por lá. “Babás negras, olhando com o rosto frio para o mundo dos adultos, cantavam ansiosas para seus carrinhos de bebê. Trabalhadores e pequenos empresários passeavam ou sentavam em um banco, conversando entre si, alguns lendo, alguns conversando distraídos sobre assuntos abstratos, ou fofocando, ou rindo; ou apenas sentados, quietos, fosse com um esforço imenso e invisível que parecia estilhaçar bancos e vigas, fosse com uma fragilidade que indicava que jamais voltariam a se mexer”<sup>48</sup>.

Naquele momento Cinthia lembrou de diversas histórias. Lembrou de uma reportagem que leu na internet sobre denúncias de estudantes de medicina sobre o processo de adoecimentos que passavam durante o curso. No site havia uma imagem com o dizer: “não é sinal de saúde estar adaptado a um sistema doente”<sup>49</sup>. Cinthia lembrou também de Cleide, colega de faxina. Cleide havia perdido um bom emprego e teve que começar a trabalhar de faxineira e ela via que a amiga estava decepcionada com a situação. Cleide morreu de suicídio na casa de uma das famílias onde trabalhava. Também teve o caso de Marcelo que era eletricitista e pulou do prédio onde trabalhava<sup>50</sup>. Histórias. Em determinados dias, Cinthia

---

<sup>46</sup> Baldwin, 2018, p. 109.

<sup>47</sup> Baldwin, 2018, p. 109.

<sup>48</sup> Baldwin, 2018, p. 43-44.

<sup>49</sup><https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2018/08/alunos-de-medicina-da-ufrgs-relatam-ten-tativas-de-suicidio-e-casos-de-assedio-moral-cjkmhwr2g001201qkthvbpdd3.html>

<sup>50</sup> Marquetti, 2014.

acordava com a sensação estranha que parecia que havia uma força que empurrava determinados corpos para fora daquele sistema<sup>51</sup>. Também lembrou de Kayla, que tentou procurar ajuda no CAPS<sup>52</sup>, mas um relatou para Cinthia que não era escutada e que quando chegou no local, já foi encaminhada para o psiquiatra para receber a receita medicamentosa e ir embora. Kayla também morreu de suicídio, supostamente pulou do seu prédio. Cinthia tinha a sensação de que “Kayla não se atirou da janela de seu prédio: foi a sociedade que a empurrou”<sup>53</sup>.

Cinthia nasceu naquela cidade, viveu toda a sua vida lá. Conhecía ou tinha sido íntima “de várias pessoas há tanto tempo, era a impressão agora, de que podia ter acontecido em outra vida. Havia algo de assustador nos antigos amigos, antigos” amores “que, misteriosamente, não deram em nada. Aquilo era um indício da existência de um câncer agindo neles, invisível, o tempo todo e que podia, agora, estar agindo” nela. “Muitos tinham sumido, claro, foram tentar suas vidas em outros lugares. Mas muitos outros seguiam invisíveis, transformados em alcoólatras ou drogados, ou haviam embarcado numa procura nervosa pelo remédio perfeito; tinham casamentos rancorosos e se procriavam e engordavam; sonhavam os mesmos sonhos que haviam sonhado antes, agasalhados nos mesmos argumentos, citando os mesmos mestres; e irradiavam, segundo sua imaginação terrível, o mesmo charme que tinham antes de os dentes começarem a ruir e de os cabelos a começarem a cair. Eles eram mais hostis agora do que antes, essa era a mudança audível e inescapável no tom de voz deles, e a única vitalidade que lhes restava estava em seus olhos”<sup>54</sup>.

Quais as possibilidades de sobrevivência possíveis nos dias que vivemos? O que fizemos de Cinthia? E com as outras pessoas das cidades? Com nós mesmos? Cinthia olhava para as ruas, para a rua que estava abaixo do viaduto. Ela se perguntava o que estava acontecendo com ela e com o mundo. Pensou no namorado, na mãe, nos amigos, nos prazeres banais do dia a dia, nas pessoas que passavam por lá que nem sabia o nome. Se perguntou quais eram as suas dores, se quando elas iam dormir, tinham a sensação de terem tido um bom dia, se eram felizes. Olhando para a cidade, ela pensou em quais eram as brechas possíveis para combater esse câncer que se espalhava. Teve a sensação de que todos somos responsáveis por todos, mesmo que tentemos nos enganar sobre isso. Olhou para a cidade com a certeza que para algum lugar iria, já que era impossível estar parada.

---

<sup>51</sup> Navasconi, 2019.

<sup>52</sup> Centro de Atenção Psicossocial.

<sup>53</sup> Navasconi, 2019, p. 192.

<sup>54</sup> Baldwin, 2018 p. 43-44.

## Cidade

Acordo pela manhã para me preparar para continuar a minha escrita. Levanto da cama ainda com sono. Me despeço daquele lugar quentinho em que estava. Tomo o meu banho ouvindo Lana Del Rey. Me seco, escovo os meus dentes e me visto. Estou pronto para começar o meu dia. Vou até a cozinha para poder fazer o meu café: Merda! Acabou o pó de café, não tem mais no armário, vou ter que ir até o mercado comprar mais. Coloco os meus tênis e vou.

O dia estava lindo, fazia frio e o céu estava sem nenhuma nuvem e tinha um sol bem bonito. Ando pela calçada, às vezes espio aqueles que passam por mim. E do nada ouço uma gritaria, carros freando com força, barulhos de buzinas. Será que aconteceu um acidente de trânsito? Um atropelamento?

“Olha lá!”, “NÃO!”, “Meu DEUS!”, “Deus”, “o que aconteceu?”, “que horror!”, “Pularam?”, “pularam!”, “estão de mãos dadas?”. Essas foram algumas palavras ditas pelos transeuntes das ruas. Dois corpos estavam no chão, acho que pularam do viaduto. Já se fazia uma extensa fila de carros, naquele horário havia um trânsito intenso na cidade.

“BIIIIII!!!”, “BIII!”, “BIIIIII!”, “Porra! Ta atrapalhando o transito”, “Sai da frente corno!”, “Não sabe dirigir, filho da puta?”, “Como vou dirigir se tem dois corpos atrapalhando o transito?”, “Que se foda! Passa por cima!”. Gritam os motoristas de seus carros.

Aqueles dois corpos parecem terem subido naquele viaduto “como se fossem máquinas”. “Seus olhos” pareciam “embotados de cimento e lágrimas”. Algumas pessoas que viram a queda, diziam que flutuaram “no ar como se” fossem pássaros e se acabaram “no chão feito um pacote flácido”. Havia agonizado “no meio do passeio público”. Morreram “na contramão atrapalhando o tráfego”. Será que naquela manhã haviam se amado e amado como se fosse a última vez? No meio da minha confusão, tentando entender o que havia acontecido e entender o que as pessoas diziam, me assusto com o homem que estava pregando pela volta: “Deus lhe pague”<sup>55</sup>.

Volto os meus olhos para aquela cena. Aparentemente, um homem e uma mulher. Ela negra, ele branco. Será que são loucos? Será que são moços? Será que eram tristes? Ou “será que é o contrário?” “Será que é loucura?” Será que sentiam que era perigoso serem felizes? “Será que é mentira?” “Será que é comédia?” E quando despencaram do céu, “os pagantes exigiram bis?”<sup>56</sup> O meu raciocínio foi cortado de novo, dessa vez foi por uma mulher negra,

---

<sup>55</sup> Buarque, 1971.

<sup>56</sup> Possi, 1999.

já velha, estava muito nervosa, tentava passar pela multidão. Ela pergunta repetidas vezes “de quem é aquele corpo?” Eu não sei o motivo, mas parece que a mulher sente que precisa resguardar um daqueles corpos. Ela precisa se aproximar, ela precisa “ver esse corpo de perto”: “Dá licença! Dá licença! Dá licença!”. A mulher grita tentando passar pelas pessoas. Ela conhece aqueles corpos. Novamente não sei o motivo, mas acho que um deles, o da mulher, saiu dela. Seu peito explode de dor e questiona a todos nós: “Quem matou a minha menina? O pai? Eu? Vocês?”<sup>57</sup>. Devido ao questionamento, o meu corpo fica rígido e não sei como reagir.

Uma cena, uma cena na cidade, no centro da cidade e, como ferramenta, um viaduto que ligou os corpos ao chão. Uma cena hiper-realista do cotidiano, da vida comum. A sensação que eu tinha era que toda aquela cena, era mais do que o próprio suicídio realizado ali, na minha frente<sup>58</sup>.

Olho para o viaduto, o local de onde pularam. Duas escadas laterais, uma à direita e outra à esquerda que possibilita que as pessoas que estão na rua possam chegar no viaduto. Eu já estive lá, já andei sobre ele. Do viaduto podemos observar a cidade. A minha mãe sempre dizia para ter cuidado nas escadas, que era um lugar perigoso. Olhando agora, de fato me parece perigoso mesmo. É uma construção antiga e já estava lá quando nasci. Provavelmente também estava lá quando os dois corpos nasceram. Ele é cinza, meio triste, já danificado pelo tempo. As únicas cores que colore o viaduto são as pichações, palavras que não entendo. O que será que está escrito? Será que lá de cima é possível ler a cidade? Acho que nunca tentei fazer isso, acho que nunca senti ter tempo para isso. As vezes que passei por lá foi com pressa.

Ouçõ um homem falando que cenas como aquelas são comuns no metrô, pelo menos uma por semana. Ele acredita que é devido ao fato de ser um lugar visto como eficiente para tal ato. Mas os casos são notificados como acidentes, atropelamento. O homem segue dizendo que até tem um botão para desligar a energia do metrô e esse botão foi criado justamente para isso, mas as pessoas não sabem sobre sua existência. Para quem serve esse botão então, que serve para impedir esses atos, mas que ninguém sabe da existência? Penso comigo mesmo e como se aquele homem pudesse ler os meus pensamentos:

- Até os maquinistas que são treinados para lidar com isso não aguentam, tem que dar uma pausa no trabalho. As pessoas do metrô não podem falar sobre esses casos, o pessoal de

---

<sup>57</sup> Bairro, 2019.

<sup>58</sup> Marquetti, 2012.

cima não gosta, pode ter punição por isso. Um outro homem, mais baixo, que estava ouvindo pergunta: Você trabalha no metrô<sup>59</sup>?

O homem, muito nervoso, rapidamente responde: Não!<sup>60</sup>. Se sentindo denunciado, o homem se afasta e vai embora, não consigo ver para onde.

Aparece um outro homem, mais gordo do que o outro e já calvo, trabalha em uma funerária, talvez já interessado nos corpos no chão. O homem diz:

- É, vai ter que ser caixão fechado, não pra deixar o pessoal ver os mortos assim. Não adianta, nesses casos tem que ser técnico.

Um judeu, que ouviu a fala, afirma que o suicídio é tão grave quanto um assassinato. O colega que estava ao seu lado complementou dizendo que é doença. Crime ou doença. Uma idosa católica afirma:

- Isso só pode ser coisa do demônio. Se essa gente for enterrada em um cemitério cristão, tem que estar em um lugar bem separado do resto<sup>61</sup>.

Uma jovem de roupas floridas entra na conversa, lamenta pelo o que aconteceu, acredita que se eles tivessem ligado para o CVV<sup>62</sup> essa cena não teria acontecido. Um homem que ouvia, perguntou:

- Mas o que é CVV? A jovem, surpreendida pela pergunta, responde irritada: Existe desde 1964 no Brasil!<sup>63</sup>.

Chegam os bombeiros, apressados e cansados. Pelo semblante de um dos funcionários ele não queria estar ali. A primeira fala do bombeiro é:

- Suicídio é crime! Isso tinha que ser função da polícia. Os outros não fazem o trabalho direito, daí sobra pra nós. No outro caso, quando a gente chegou tinha até jornalista já. Era num viaduto também, disseram que quem assistia gritava para o cara pular. E esses aqui são dois? Semana passada era um só. Essa gente precisa de um médico apesar de que, “no fundo, eles mais atrapalham do que ajudam. Porque eles chegam com aquelas roupas brancas, que o suicida associa com o hospital onde foi amarrado, enganado, preso, sofreu de tudo... Ai, o suicida só de olhar aquilo já tem uma predisposição negativa, e não confia neles”. Dizem que tem quem faça isso, que não é doente, mas daí é difícil de entender né. Os médicos estão sempre dizendo que isso é problema deles, mas chega na hora não fazem nada.

---

<sup>59</sup> Marquetti, 2012.

<sup>60</sup> Marquetti, 2012.

<sup>61</sup> Marquetti, 2012.

<sup>62</sup> Centro de Valorização a Vida.

<sup>63</sup> Marquetti, 2012.

Chega alguém com intoxicação por remédios, eles fazem a limpeza de uma forma pra pessoa saber que tá atrapalhando e nunca mais voltar<sup>64</sup>.

Outras pessoas se negam a falar sobre o acontecido, apenas olham os corpos no chão e seguem andando. Alguns olham como se tivessem com raiva, como se aqueles dois jovens fossem traidores de algo grande, de algo maior:

-O que essa gente quer se matando? A gente aqui, trabalhando, tentando viver nossas vidas e eles fazendo isso, traindo a vida.

Uma funcionária de uma farmácia diz que aquele já é o terceiro no ano, no mesmo viaduto. Um camelô que vendia óculos de sol, que estava com uma cerveja na mão, ri:

- “Só se for o terceiro no mês”<sup>65</sup>

Já outros se indignam pelo lugar. Ficam apavorados que aquilo tenha acontecido em uma rua tão movimentada como aquela, no centro da cidade, ainda mais em um horário de pico. Uma senhora analisa os corpos:

- Essa gente deveria ter feito isso lá na vila deles, não aqui no centro. Se fosse pra fazer isso poderiam ter tido a decência de fazer em suas casas, com suas famílias, na intimidade deles e não aqui, no meio de todo mundo, no meio da gente. Que desafio.

Outros dois bombeiros chegam perto do corpo, um pergunta para o outro:

- O que a gente faz agora?

O outro bombeiro responde:

- Nada, agora já estão mortos, coloca no saco.

Fico nervoso com toda aquela situação, aquilo tudo tira o meu sossego. A cena, as pessoas, as falas, fico confuso com toda aquela movimentação, não sei se suporto ver e ouvir mais coisas. Esqueço o motivo que me faz estar lá, volto com pressa para casa. Era inevitável ficar indiferente com toda aquela cena e quando digo toda, me refiro ao que foi dito também. Os pedestres e os trabalhadores também estavam relacionados a tudo o que aconteceu. Todos nós estávamos implicados naquilo, inclusive eu. Será que a medicina tem raiva dessas pessoas porque elas tiram deles o poder sobre a vida? É por isso que o bombeiro fala que tratam mal aqueles que aparentemente sobrevivem à tentativa? E por que tantas pessoas pareciam indignadas com o que havia acontecido? Pareciam estar mais preocupadas com o local do que com o ato em si. De repente, sinto que “o espaço público não está mais disponível para sustentar as manifestações de dor ou prazer”<sup>66</sup>. O que aqueles dois corpos

---

<sup>64</sup> Marquetti, 2012, p. 74.

<sup>65</sup> Marquetti, 2012, p. 117.

<sup>66</sup> Marquetti, 2012, p. 56.

queriam comunicar? E por que eu sinto que aquele ato diz mais de nós, enquanto sociedade, do que deles, enquanto sujeitos?

Finalmente chego em casa, ainda desnortado. Sento em minha cadeira para respirar, pego o meu celular. Preciso de algo que me descole da cena, algo que me leve para outro lugar e que me dê conforto. A primeira coisa que faço é abrir o facebook. Logo no início do feed vejo uma reportagem: “Morte de Paulo Vaz expõe riscos à saúde mental de homens trans”<sup>67</sup>. Me sinto traído pelo mundo, mas depois sou tomado por um sentimento de confusão ainda maior. Por que no meio da minha angústia, eu vim correndo para casa? Porque achei que ela iria me proteger de algo como o suicídio? Agora, esse mesmo tema acaba de entrar na minha casa, no meu lugar mais secreto, derrubando paredes, arrombando portas, invadindo janelas. Já é tarde demais, já vi e agora não tem mais como desver. E o que faço com isso agora?

---

<sup>67</sup><https://www.terra.com.br/nos/morte-de-paulo-vaz-expoe-riscos-a-saude-mental-de-homens-trans,79e10d869993624a22ce4b92774a9c88jnkdu0gn.html>

## **E O Que Faço Com Isso Agora?**

Ela está contente que depois de um dia inteiro de trabalho está indo para casa. Depois de sair do trabalho, foi ao mercado fazer algumas compras básicas. Estava carregando algumas sacolas agora. Chega na frente da porta, ainda está trancada. Imagina que a casa deve estar vazia. Pega as chaves da bolsa e abre a porta. Liga a luz e entra. Só com esses gestos o seu corpo já sente um alívio e o estresse diminui só com o prazer de estar em casa. Coloca as sacolas em cima da mesa. Começa a procurar o controle remoto para ligar a tv. Finalmente acha, estava enterrado no sofá. Liga a tv e tenta achar algo interessante, apenas para ter um som de fundo enquanto arruma as compras.

... Dia 4 começa a sua nova novela das 21h...

... Ouça em todas as plataformas digitais...

... Venha ser digital também...

.... A limpeza e proteção que a sua família precisa...

... Setembro é o mês da prevenção ao suicídio...

Suicídio. Atira o controle no sofá e deixa o homem branco e velho engravatado falando. O dia tinha sido difícil. Perdeu muito tempo pela manhã, aconteceu um acidente enquanto estava indo para o trabalho. Ouviu algumas pessoas no ônibus dizendo que tinha sido um suicídio e que duas pessoas haviam pulado do viaduto. Já outras pessoas diziam que foi um atropelamento. Naquela hora da manhã, já cansada só em pensar o dia todo de trabalho que tinha pela frente, pouco importava se era suicídio ou atropelamento, só queria ouvir sua música tranquila. Quando o ônibus finalmente passou pelo local do acontecimento, nem teve interesse de ver o que de fato havia acontecido. Agora a única coisa que queria era aproveitar o momento em casa.

... Ela é jornalista e hoje irá conversar sobre o seu artigo de opinião que publicou no jornal...

Ouve um barulho de chaves no outro lado da porta, deve ser ele chegando. Ele abre a porta e entra na casa:

- Você já chegou?

- Já sim.

Ela responde.

- Passei no mercado e comprei algumas coisas. Tem pão, bem que podíamos tomar um café né?!

- Nossa, por favor, estou louco de fome.

Ele coloca a mochila em cima do sofá. Também está exausto, estava junto dela no ônibus pela manhã, sentiu que parecia uma eternidade toda aquela demora. Agora só queria poder aproveitar o resto do dia e finalmente descansar.

... Você escreveu um artigo sobre suicídios de jovens...

- Você passa o café ou quer que eu faça? Ele pergunta.

- Tu poderia passar por favor? Enquanto isso eu vou guardando essas coisas aqui.

Ela aponta para as sacolas

- Beleza.

... No artigo escrevo sobre a importância de invertermos a pergunta: Por que tantos jovens morrem de suicídio hoje? Para a pergunta: Por que eles não se matariam nos dias atuais?<sup>68</sup>...

- Como foi o trabalho hoje?

- É, foi bom e o teu?

- Também, a mesma coisa de sempre, cheguei super cansada.

... Diz sobre a época em que vivem e em que vivemos (Brum, 2018)...

- No fim tu soube o que aconteceu hoje de manhã? O que foi o acidente?

Ele pergunta.

- Não, nem tive tempo pra isso. Tu leu alguma coisa?

- Não, também não tive tempo. Tava uma correria.

... A inversão da pergunta “é decisiva também porque devolve a política à pergunta, de onde ela nunca poderia ter saído. E a recoloca no campo do coletivo”<sup>69</sup>...

- Vou deixar os frios fora da geladeira.

Ela vai até a geladeira e pega a margarina e coloca sobre a mesa.

- A água já está quase fervendo.

... “Essa tarefa não é individual, não é um problema apenas do adolescente que não consegue encontrar sentido ou de sua família. Mas uma construção coletiva”<sup>70</sup>.

O barulho da água fervendo na chaleira começa a ficar mais alto. Ele desliga o fogo e pega a chaleira, derrama a água quente no pó de café, fazendo o aroma subir e encher a casa.

- Eu amo o cheiro de café, é tão bom.

Ela comenta.

- Sim! Eu estava esperando o dia todo esse cheiro.

---

<sup>68</sup> Brum, 2018.

<sup>69</sup> Brum, 2018, p. 3.

<sup>70</sup> Brum, 2018, p. 4.

...“A crença de que falar sobre suicídio aumenta o número de casos estabeleceu um silêncio em torno das mortes, que colaborou para que se localizasse o problema e a suposta solução no indivíduo. Colaborou para a ideia sem substância do suicídio como covardia da adolescência ou fracasso dos pais. O suicídio, convenientemente, deixou de ser uma questão da sociedade, para ser um problema de uma pessoa ou família com um tipo de defeito. Ou foi colocado na conta de uma patologia mental, com vários nomes disponíveis no mercado. É um fato que há casos de suicídio relacionados a doenças mentais, mas não é possível desconectar qualquer doença da época em que ela é produzida”. A ideia de que essa é uma questão individual é uma produção social<sup>71</sup>...

- Ta quase pronto aqui.

Ele fala.

- Tá bom. Tu quer torrada?

Ela pergunta

- Vou querer uma torrada. Duas, se puder fazer.

Ele ri

- Tá bom, eu faço. Eu vou querer só uma torrada com manteiga.

- Ué, não tá com fome?

- Não muita, tô mais pelo cafezinho mesmo.

...Você não acha que colocando a questão dessa forma, pode gerar uma procura de culpados ou acabar culpando a sociedade?...

- Em qual xícara tu vai querer? A rosa ou a laranja?

- A laranja.

- Beleza. Hoje eu vou tomar na verde.

...“Se podemos fazer algo com a tragédia que é termos criado um mundo onde um número maior de adolescente não se tornará adulto, é reaprendermos a viver em comunidade, redescobrimo como tecer redes de cuidado mútuo. Isso não tira a responsabilidade individual. Ao contrário, a aumenta. Mas coloca a responsabilidade individual onde ela deve estar: fazendo “laço” com os outros. fazendo junto”<sup>72</sup>...

Ele estranha o som ao fundo que vem da tv, fica confuso sobre o que se trata aquela conversa entre o homem engravatado e a mulher de roupa lilás:

- O que tá dando na tv?

- Sei lá. É alguma coisa sobre suicídio. Deixei aí só pra ter um barulho de fundo.

---

<sup>71</sup> Brum, 2018, p. 4.

<sup>72</sup> Brum, 2018, p. 5.

- Ah sim, já estamos em setembro, por isso que estão falando sobre suicídio. Quando o mês acabar ninguém mais vai falar sobre isso.

## Referências

- Bairro, J. do. (2019). Corpo sem juízo [Canção]. Corpo Sem Juízo. Tratore.
- Baldwin, J. (2018). *Terra estranha*. (1ª ed.). Companhia das Letras.
- Botega, N. J. (2014). Comportamento suicida: epidemiologia. *Psicologia USP*, 25(3), 231-236.
- Braga, L. L. & Dell’Aglia, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contexto Clínico*, 6(1), 2-14.
- Brasil. (2017). *Agenda de ações estratégicas para a vigilância e prevenção do suicídio e promoção da saúde no Brasil: 2017 a 2020*. Ministério da Saúde.
- Brum, E. (2018, 19 de junho). *O suicídio dos que não viram adultos nesse mundo corroído*. El País Brasil.
- Buraqui, C. (1971). Construção [Canção]. *Construção*. Universal Music.
- Cerqueira, D.; Ferreira, H.; Bueno, S.; Alves, P. P.; Lima, R. S. de; Marques, D.; Silva, E. R. A. da; Lunelli, I. C.; Rodrigues, R. I.; Lins, G. O. A.; Armstrong, K. C.; Lira, P.; Coelho, D.; Barros, B.; Sobral, I.; Pacheco, D. & Pimentel, A. (2021). *Atlas da violência 2020*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).
- Cescon, L. F.; Capozzolo, A. A. & Lima, L. C. (2018). Aproximação e distanciamentos ao suicídio: analisadores de um serviço de atenção psicossocial. *Saúde e Sociedade*, 27(1), 185-200.
- Emecheta, B. (2020). *Cidadão de segunda classe*. (1ª ed.). Dublinense.
- Foucault, M. (2017). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. (4ª ed.). Paz & Terra.
- Jesus, C. M. (2014). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. (10ª ed.). Editora Ática.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. (1ª ed.). Cobogó.
- Larrosa, J (2003). O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*, 28(2), 101-115.
- Marín-León, L. & Barros, M. B. A. (2003). Mortes por suicídio: diferenças de gênero e nível socioeconômico. *Revista Saúde Pública*, 37(3), 357-363.
- Marquetti, F. C. (2011). *O suicídio como espetáculo na metrópole: cenas, cenários e espectadores*. (1ª ed.). Fap-Unifesp.
- Marquetti, F. C. (2014). O suicídio e sua essência transgressora. *Psicologia USP*, 25(3), 237-245.
- Marx, K. (2006). *Sobre o suicídio*. (1ª ed.). Boitempo.

- Navasconi, P. V. P. (2019). *Vida, adoecimento e suicídio: racismo na produção do conhecimento sobre jovens negros/as lgbttis*. (1ª ed.). Letramento.
- Plath, S. (2019). *A redoma de vidro*. (2ª ed.). Biblioteca Azul.
- Possi, Z. (1999). Beatriz [Canção]. Puro Prazer. Universal Music.
- Santos, W. B. & Dinis, N. F. (2018). Violência e risco de suicídio na construção das masculinidades adolescentes. *Cadernos Pagu*, (52), 1-36.